



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**PÓS-MODERNIDADE E COMUNICAÇÃO: UMA ANÁLISE DE VALORES E  
IMPLICAÇÕES**

Leidiani de Mendonça de Sena

Rio de Janeiro/RJ  
2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**PÓS-MODERNIDADE E COMUNICAÇÃO: UMA ANÁLISE DE VALORES E  
IMPLICAÇÕES**

Leidiani de Mendonça de Sena

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Tavares d`Amaral

Rio de Janeiro/RJ  
2013

# PÓS-MODERNIDADE E COMUNICAÇÃO: UMA ANÁLISE DE VALORES E IMPLICAÇÕES

Leidiani de Mendonça de Sena

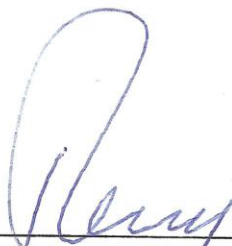
Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Publicidade e Propaganda.

Aprovado por



---

Prof. Dr. Marcio Tavares d' Amaral – orientador



---

Prof. Dr. Fernando Antonio Soares Fragozo



---

Prof. Dr.ª. Mônica Machado Cardoso Rebello

Aprovada em: 10/12/2013

Grau: 10,0

S474

Sena, Leidiani de Mendonça de  
Pós-modernidade e comunicação: uma análise de valores e  
implicações / Leidiani de Mendonça de Sena. 2013.  
45 f.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Marcio Tavares d' Amaral.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Escola de Comunicação, Habilitação Publicidade e Propaganda, 2013.

1. Comunicação. 2. Subjetividade. I. D'Amaral, Marcio Tavares.  
II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação.

CDD: 302.2

Gostaria de dedicar este estudo ao Rafael.  
Pela singularidade de nosso amor, parceria e  
companheirismo.

## AGRADECIMENTOS

De todos os momentos que compõem uma monografia, este certamente é um dos mais reflexivos. O agradecimento é sempre a posteriori. Neste momento, destino os meus agradecimentos a:

Todo povo que possibilitou a minha formação em uma universidade pública.

Minha família, em especial aos meus pais: Lenira e Leonildo pelo amor e pelos valores transmitidos e ao meu irmão Leone por influenciar importantes momentos de reflexão.

Ao meu amor Rafael, por tudo! Pelo estímulo, apoio, inspiração, pela presença em cada letra deste estudo e à sua família, pelo imenso carinho.

Às amigas, pela coautoria de momentos tão marcantes e especiais, principalmente a: Júlia e sua infinita memória, Natália, Bruna e Bárbara.

Ao Carlos, pelo empréstimo de mais algumas páginas de leitura e inspiração.

Aos professores, pela aprendizagem, pela troca, por provocar inquietações que realmente mobilizam. Em especial, ao meu orientador, Marcio, que conduziu com maestria todo processo de orientação, dando espaço para a liberdade e serenidade do pensar.

Aos demais funcionários da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em especial ao Henrique da secretaria da graduação da ECO por resolver momentos de aflição, tornando o percurso muito mais leve.

A Deus.

**E finalmente, a você, que lê meu trabalho e se permite afetar com ele.**

*Sustentados pelo aro, trinta raios rodeiam um eixo,  
mas é onde os raios não raíam que roda a roda.*

*Vasa-se a vasa e se faz o vaso,  
mas é o vazio que perfaz a vasilha,  
levantam-se paredes e se encaixam portas,  
mas é onde não há nada que se está em casa.*

*Falam-se palavras e se apalavram falas,  
mas é no silêncio que mora a linguagem.*

*O ser presta serviços,  
mas é o não ser que dá sentido.*

(Lao-Tzu)

SENA, Leidiani de Mendonça de. **Pós-modernidade e comunicação:** uma análise de valores e implicações. Orientador: Marcio Tavares d'Amaral. Rio de Janeiro, 2013. Monografia (Cmunição Social – Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 45f.

## **RESUMO**

O presente trabalho almeja realizar uma análise crítica acerca do cenário social, político, ideológico vivido atualmente. Ainda é difícil encontrar um nome que satisfaça majoritariamente aos estudiosos desta época. Alguns a chamam de modernidade tardia, radicalizada, reflexiva, hipermodernidade. O conceito aqui adotado é o de pós-modernidade. Apresento um esboço a respeito de transformações próprias deste período. Algumas mudanças paradigmáticas que exibem novas estruturas globais, novos modos de ser e estar no mundo. Neste contexto, é necessário refletir sobre a forma como os valores pós-modernos afetam os indivíduos, influenciam sua subjetividade, apontam padrões. Analisar qual o lugar ocupado pelo real na pós-modernidade em meio a um cenário de intensa mediação eletrônica. É importante considerar também, em relação a essa nova subjetividade que se anuncia, de que forma o campo de saber da comunicação e, em especial, a publicidade vem acompanhando tais transformações e por vezes, servindo-se delas para alinhar-se ao seu público-alvo. Alguns autores que me acompanham neste percurso são: Jean Baudrillard, Marcio Tavares d'Amaral, Zygmunt Bauman.

**Palavras-Chave:** Pós-modernidade; Subjetividade.



## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>1. PÓS-MODERNIDADE</b>	12
1.1 Valores pós-modernos	14
1.2 Lógica do sentido x Lógica do cálculo	16
<b>2. REAL INCONSISTENTE</b>	21
2.1 Se alinha a uma teorização, uma ideologia cientificista	22
<b>3. INDIVÍDUO PÓS-MODERNO</b>	25
3.1 Advento de uma nova subjetividade	27
3.2 Consumo atual: lugar do desejo, “faça como quiser”	29
3.3 Mediação eletrônica: geração do calo no dedo, anexos corporais, indivíduos sem memória	32
3.4 Lugar da publicidade: publicizar, depreender valores	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	39
<b>REFERÊNCIAS</b>	41
<b>ANEXO</b>	44

## 1. INTRODUÇÃO

Uma vez durante a aula ouvi um professor dizendo que se fosse possível decantar a personalidade de uma pessoa, o que sobraria de mais rígido e mais profundo corresponderia aos seus valores. Nesse sentido, os valores seriam o cerne da personalidade humana. Gostaria de expandir tal reflexão: e se fosse possível decantar as características de um determinado período histórico? O período atual por exemplo. Muitos autores denominam tal época como pós-modernidade. Quais seriam os valores que se encontram em seu cerne? Será que eles atravessam nossas práticas? As formas de entendimento, organização, de trabalho, relacionamento atuais. Dentro deste contexto, o presente estudo objetiva analisar algumas dessas questões pondo em foco o indivíduo contemporâneo e a sua subjetividade.

De que forma traços desta conjuntura afetam as pessoas e também as instituições delineando um certo direcionamento de fazeres para diversos campos de saber, dentre eles, a Comunicação. Elementos que vão desde uma transformação na questão do tempo – como exemplo do tempo futuro que por vezes figura como tempo presente –, passando por uma reconfiguração de subjetividade, pela intensificação da mediação eletrônica, por uma alteração de valores.

É difícil localizar minha fonte de interesse por estes assuntos. Diria que não há uma principal, mas várias distribuídas em diferentes contextos. Em relação à vida acadêmica, considero importante mencionar que além das inquietações oriundas do curso de comunicação social, outras tantas também surgiram com o curso de psicologia. No que diz respeito ao campo laborativo, tive diversas experiências que contribuíram com outras fontes de questionamentos. Destaco aqui as áreas de saúde mental e extensão universitária. Em relação ao “todo”, são muitos os desacordos em relação ao funcionamento do mundo atual. Espero expressar alguns deles nas próximas páginas.

Muitos são os aspectos que me chamam atenção, mas alguns, principalmente aqueles que se relacionam com mudanças ocorridas através de anos de história, acabam me saltando aos olhos e fazendo pensar: se era assim antes, como chegamos ao que temos atualmente? É preciso esclarecer que **não** penso a partir de uma perspectiva positivista, que defende a idéia de uma evolução constante, de que a história tende a superar os erros do passado se encaminhando sempre para o progresso. Pelo contrário, considero muito reducionista, ingênua uma análise desse tipo. Tal linha de pensamento tende a pensar qualitativamente melhor o presente em detrimento de um passado decadente.

No entanto, é necessário ponderar que a transformação do passado no sentido de uma melhora estará sempre pautada no que se considera melhor no presente, isto é, para avaliar uma dita “evolução” é preciso ter em mente o terreno que se valoriza atualmente, *os valores* contemporâneos. Nesse sentido, em um primeiro momento, farei um esboço dos valores atuais, pós-modernos, assim como uma reflexão sobre esta denominação: pós-modernidade.

Acreditando que os valores- sejam sociais, culturais, econômicos, históricos- de um povo atravessam seus fazeres, direcionam suas práticas, estruturam e dão base aos seus modos de vida, de ser estar no mundo, torna-se fundamental o estudo e discussão dos mesmos para melhor compreensão e posicionamento crítico diante do que acontece em determinada sociedade.

É neste cenário que o presente trabalho se apresenta, fazendo um delineamento do conceito de pós-modernidade, analisando alguns valores que se encontram em seu bojo, citando exemplos de como tais valores podem ser depreendidos e referenciando um posicionamento crítico a esse respeito.

## PÓS-MODERNIDADE

*O que se dá é que ando preocupado com algumas das linhas de força da nossa cultura nos últimos – digamos para satisfazer nossa necessidade de inventar relógios – 50 anos. Alguma coisa vem se passando de então para cá que, pela sua imensa sedução e eficácia, e pelo que traz de novo, espantoso e útil à vida, pode cegar nossa visão para outras dimensões da realidade que são, como que por acaso, declaradas insubsistentes, ou quase. (D'AMARAL, 2010, p.351)*

Atualmente, passa-se por um processo sem precedentes de mudanças na história humana. Ao lado da aceleração avassaladora nas tecnologias de comunicação, de artes, de materiais e de genética, ocorrem mudanças paradigmáticas no modo de se pensar a sociedade e suas instituições. A modernidade que pode ser entendida como um processo, um projeto ligado à lógica do capitalismo, que ganha consistência a partir de 1800 traz consigo alguns modelos e pilares fundamentais, como a crença na verdade, alcançável pela razão, na linearidade histórica rumo ao progresso.

Contudo, diversos dos ideais ligados a essa lógica do capitalismo sofreram algumas vicissitudes uma vez que não realizaram em ato, ou de fato o que pretendiam em potência. Atualmente, muitos conceitos encontram-se abalados. Por exemplo, a crença no progresso. O crescimento econômico não necessariamente trouxe uma melhoria à humanidade. Enfrenta-se hoje em dia uma série de dificuldades decorrentes de um crescimento desenfreado que fazem refletir sobre seus propósitos, sobre sua validade. Para lidar com esse esvaziamento de sentido, são propostos novos valores, menos fechados e categorizantes. Uma vez adotados, eles serviriam de base para o período que se tenta anunciar como de superação da modernidade: denominado por alguns autores como a pós-modernidade.

Desde o momento em que se invalidou o enquadramento metafísico da ciência moderna, vem ocorrendo não apenas a crise de conceitos caros ao pensamento moderno, tais como "razão", "sujeito", "totalidade", "verdade", "progresso". Constatamos que ao lado dessa crise opera-se sobretudo a busca de novos enquadramentos teóricos ("aumento da potência", "eficácia", "otimização das performances do sistema") legitimadores da produção científico-tecnológica numa era que se quer pós-industrial. O pós-moderno, enquanto condição da cultura nesta era, caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes. (LYOTARD, 1988, p. 8)

A sociedade atual, nesse sentido, possui muitas peculiaridades interessantes de serem analisadas. Tais características a diferenciam em muitos aspectos (além do histórico e cronológico) de uma sociedade dos demais séculos. Atualmente, chegamos num ponto tal de desenvolvimento em que o progresso levou a várias transformações e apesar de muito ter sido ganho, não se sabe ao certo o preço a ser pago por isso. Verifica-se que estabelecer relacionamentos fixos e duradouros, em seus mais diversos âmbitos, seja no trabalho, na família, na escola, no amor é cada vez mais difícil. Ao mesmo tempo, constata-se no indivíduo questões problemáticas que antes não possuíam tamanha relevância ou mesmo eram inexistentes. Temas atuais como a preocupação com o corpo, o retardamento da vida independente, a efemeridade das relações trabalhistas, a questão da intimidade, dentre outros; refletem uma espécie de mal-estar contemporâneo muito discutido sob a ótica de diversos pensadores.

O mundo apresenta ainda a influência das grandes narrativas, a maior parte das sociedades ocidentais ainda é governada por Estados e pelo sistema da democracia representativa e por mais diversificada que seja a formação familiar atual, ela ainda “tenta” se basear na família nuclear (pai, mãe e filhos). Todavia é inegável a apresentação de rasgos pós-modernos dentro desta estrutura. A ação política está cada vez mais distante de um espaço público concreto, a atuação das organizações não governamentais se alastra buscando organizar as frágeis e muitas camadas da sociedade órfãs de cuidados estatais básicos; e ainda se busca (ao menos no dito terceiro mundo) os benefícios do progresso (ainda que este progresso não seja sinônimo de distribuição de renda ou maior assistência social, mas sim maior prosperidade financeira do país).

Contudo, tais narrativas de legitimação, que narram nosso mundo perdem seu vigor. O progresso não deu um nível de vida melhor, há questões ecológicas que causam grande preocupação, um esgotamento desse processo de materialidade. O sucesso do progresso como aquilo que traria uma melhoria da humanidade foi colocado em questão. O crescimento econômico é o sentido da humanidade? Ocorre uma perda geral de sentidos, de valores.

Hoje em dia, nossos limites são postos à prova todo o tempo. As grandes tecnologias, como por exemplo a engenharia genética, trazem à luz possibilidades até então inexistentes. Quando esses limites se colocam para questão humana faz-se necessária uma intensa reflexão e revisão de conceitos e valores. A partir de tal reflexão, entra-se em contato com a angústia da decisão dos possíveis. Encontra-se diante de uma construção de possíveis presente diariamente em nossas decisões. Lança-se a uma angústia existencial no sentido de que os

critérios e balisas para nossas escolhas não estão dados, e sim, em plena revisão. O ponto chave atualmente é: a partir do que se adotam tais critérios?

### **Valores pós-modernos**

Mas de que é estética a estética pós-moderna? Talvez não se passe muito longe da coisa (a área é cinzenta e pantanosa) dizendo assim: das suas formações virtuais, da impermanência, da desnecessidade de suporte, da velocidade da produção de imagens que se ligam em rede, em estrela, que já não são representação. Não são representação significa: não têm referência a nada que não seja já um dispositivo imagético, intralinguístico. (D'AMARAL, 2009, p.12)

Alguns valores como a multiplicidade, a fragmentação, a desreferencialização, a entropia passam a se destacar e ganhar força. Nesse modelo, no qual serviços e informações são privilegiados sobre a produção material; a comunicação e a Indústria Cultural ganham papéis fundamentais na difusão de valores e idéias. Ocorrem mudanças na forma de agir diante da sociedade em que vivemos. Uma modificação contextual que pode ser percebida com a “crise da representação” em que há uma degradação dos referenciais que norteiam o pensamento. Isto acarreta também alteração em algumas concepções de indivíduo. Além desses, outro rasgo pós-moderno, descrito por Bauman, é o referente a identidade. Esta se torna um projeto reflexivo, sem maiores buscas por um desfecho, por uma solidez definitiva e imutável. “Em nossa época líquido-moderno, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, ‘estar fixo’ – ser ‘identificado’ de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto.” (2005, p. 35)

Vivenciamos uma mudança paradigmática nos aspectos estruturais, conceituais e valorativos da sociedade. Trazendo uma visão colocada pelo filósofo e sociólogo francês Jean Baudrillard, o discurso pós-moderno declara o fim da representação. Não há mais representação do real por que o real acabou. Não há mais um real interessante para ser investido. O que há são simulações. O real perdeu o sentido, foi “des-consistido”.

Temos então agora que o fundamento e o real já não interessam, não dão conta daquilo de que se trata na cultura contemporânea. A eficácia dá. Medidos pela eficácia, e só então, o fundamento e o real acabaram. Perderam seu vigor. Deprimiram-se. Quem os reivindica contra a eficácia é apenas ressentido. O ressentimento não pensa. (D'AMARAL, 2010, p.355)

Segundo o modelo vigente em tal discurso, o da eficácia, a ideia de verdade enquanto valor absoluto foi exterminada. Impera um regime técnico. Opera-se a verdade e a ciência enquanto técnica, segundo sua eficácia, suas condições de fazer, de deixar fazer. A verdade –

agora em ocultação – é tida como a capacidade para utilização de dados, de informações. O que importa é se funciona e não se é verdadeiro. Na cultura pós-moderna da informação, esta, é estocada e utilizada independentemente da verdade, o interesse encontra-se nos resultados a serem obtidos com tal utilização.

Apenas, diante da alta potência do ser eficaz, as causas e fundamentos vão se tornando menos relevantes, menos interessantes, é menos importante estar dentro delas (inter esse) do que estar por dentro. Estar por dentro significa deixar-se levar pelo fluxo do irem sendo as coisas. E as coisas vão indo na medida em que efetuam resultados: na dimensão dos efeitos. Esse é o reino da eficácia como paradigma cultural. (D'AMARAL, 2010, p.354)

A dimensão do verdadeiro foi jogada para o futuro. O paradigma pós-moderno exclui os anteriores a ele. No paradigma *moderno*, dispõe-se da história, do olhar histórico e do tempo para dar sentido. O tempo produz sentido do passado para o futuro, segundo uma estrutura causal (concebida desde Aristóteles). A verdade e conhecimento têm dimensão histórica, de uma história causal. Contudo, para os pós-modernos a história acabou. O futuro figura como verdadeiro produzindo efeitos sobre o presente. O virtual -futuro- tem efeitos de causa sobre o atual – real –, produzindo resultados imediatos sobre o presente. Aqui, o tempo determinante é o futuro.

Na cultura da informação, o virtual (e não o real) é múltiplo. Há uma multiplicidade infinita de dados que podem ser usados para eficácia da resolução de um problema. A multiplicidade aberta dos virtuais é extremamente interessante, mas é ainda perigosa? Se o virtual produz efeitos sobre o presente, então as multiplicidades abertas do virtual podem produzir efeitos maléficos ou benéficos no real.

O pão real não é um paradigma, é um alimento. A realidade do pão como definitiva, a sua “panidade” é que é paradigmática e não interessa mais. Como pão, não alimenta, porque não é pão. Como pergunta sobre o pão já não presta. O pão deixou de ser alguma coisa que faça sentido perguntar *o que é*. Se ele alimenta, que é para o que serve, encerra-se a conversa. A eficácia do pão está garantida, e é o quanto basta. Naturalmente, por se avaliar na eficácia o que antes se conhecia na essência, pode acontecer o seguinte: o trigo, de que se faz o pão e que antigamente se dizia sua causa material, pode não servir para fazer o pão, quando se comporta como *commodity*. “Se comporta” quer dizer: quando o mercado exige do trigo, que é pão virtual, que não seja pão real, mas mercadoria marcada pela especulação virtualizante de um mercado que não é um mercado (onde se compram coisas): é uma bolha. Às vezes estoura, e os efeitos se dão, nefastos, sobre a (então) chamada “economia real”: o pão fica mais caro. É uma crise do virtual. A fome é real mesmo. (D'AMARAL, 2010, p.355)

## Lógica do sentido x Lógica do cálculo

*Conta-se de Tales que, ao olhar para cima, pensando o sentido dos astros, caiu numa fossa. Uma escrava da Trácia, bela e galhofeira, o gozou, dizendo: aquele ali procura conhecer com todo empenho as coisas do céu mas não possui olhos para des-cobrir o que tem diante dos pés e debaixo do nariz. (CARNEIRO LEÃO, 1975, p. 22)*

Dentro da perspectiva apresentada no capítulo anterior, percebe-se que no sistema de funcionamento pós-moderno, alguns valores ganham força e outros vão paulatinamente perdendo o seu vigor. Uma nova configuração se instaura e, com ela, a razão vai tendo o seu lugar deslocado. Gostaria de trazer à cena uma discussão sobre a ideia de uma razão crítica em oposição a uma razão instrumental. Segundo visão apresentada por Marilena Chauí:

Uma escola alemã de Filosofia, a Escola de Frankfurt, elaborou uma concepção conhecida como Teoria Crítica, na qual distingue duas formas da razão: a razão instrumental e a razão crítica.

A razão instrumental é a razão técnico-científica, que faz das ciências e das técnicas não um meio de liberação dos seres humanos, mas um meio de intimidação, medo, terror e desespero. Ao contrário, a razão crítica é aquela que analisa e interpreta os limites e os perigos do pensamento instrumental e afirma que as mudanças sociais, políticas e culturais só se realizarão verdadeiramente se tiverem como finalidade a emancipação do gênero humano e não as idéias de controle e domínio técnico-científico sobre a Natureza, a sociedade e a cultura. (1995, p. 60)

Há algum tempo, este tema já ocupa o interesse de alguns filósofos e pensadores tais como: Descartes, Kant, Hegel, Max Weber, Max Horkheimer, Habermas. Contudo, parece que atualmente vivencia-se um acirramento de tal questão. Tendo em consideração que a ideia de uma razão crítica aponta para um caminho mais reflexivo, que valoriza o pensar e preocupa-se com o sentido das coisas, que indaga sobre sua existência e antecipa-se (ou tenta fazê-lo) as suas possíveis implicações. Em outro ponto encontra-se a noção de uma razão instrumental que direciona suas questões aos resultados a serem obtidos, que emprega-se como um meio para se chegar a um fim, sem necessariamente, refletir sobre este fim. É possível fazer um paralelo entre tais noções e as colocações feitas por Emmanuel Carneiro Leão no que se refere à lógica do cálculo e a do sentido:

O pensamento que calcula, não pode parar. Nunca chega à serenidade do sentido. O pensamento, que calcula, não é um pensamento do sentido, um pensamento, que pensa o sentido de si mesmo ou de qualquer coisa.



Há pois duas possibilidades, que brotam, se complementam e se integram na estrutura do pensar: o pensamento irrequieto, que calcula, e o pensamento sereno, que pensa o sentido. É da angústia deste pensamento do sentido que estamos fugindo hoje e na fuga lhe sentimos a falta. (1975, p.22)

Ora, ao que se aproxima muito do que é valorizado atualmente?

- *“Foram necessários 8 anos de pesquisas clínicas, com 14 mil pessoas, para alcançar a maior inovação no tratamento da cárie em mais de 50 anos. Ficou clinicamente comprovado que a tecnologia NeutraAçúcar™, combinada com cálcio e flúor, reduz a cárie inicial quase pela metade.”*<sup>1</sup>

[Trecho do anúncio publicitário do creme dental Colgate, no qual se depreende um apelo numérico no sentido de uma legitimação de qualidade do produto.]

- *“Mais médicos para o Brasil. Mais saúde para você.”*<sup>2</sup>

[Texto presente na campanha do Ministério da Saúde do Brasil, no qual se pretende associar o aspecto quantitativo ao aspecto qualitativo.]

A demanda por produção cresce a longos passos, é anunciada, vendida e valorizada como sinônimo de desenvolvimento, como demonstrativo de progresso, MAS, se fosse possível puxar o freio de mão e dar a marcha ré, seria ainda interessante perguntar sobre qual é o sentido de tudo isto? Seria ainda válido pensar uma justificativa que não se ampare em sua última instância na eficácia e no crescimento econômico?

Até mesmo dentro dos meios mais *isentos* é possível perceber traços desta (i)lógica de pensamento. Na universidade, por exemplo, a pressão exercida pelo mercado de trabalho coloca em pólos opostos um bom profissional e um bom aluno. Como se a imagem de um bom profissional se dissociasse da imagem de um bom estudante universitário. De um lado alguém que trabalha, de outro, alguém que pensa. Até que ponto a teoria e a crítica ainda fazem diferença? Todos são afetados por esses valores. O professor universitário, por exemplo, deve produzir um número “x” de artigos, livros, material bibliográfico dentro de um prazo “y” para atestar a qualidade de seu trabalho; para manter ou avançar no padrão “z” da instituição “w” que apoia e financia suas pesquisas. Então, a mensuração qualitativa deste professor se faz pelo que ele produz de pa(l)p(áv)el?

O problema é que esse universo acadêmico insiste em matar as palavras naquilo que elas têm de mais vivo, divertido, delicioso. É preciso escrever

<sup>1</sup> Disponível na íntegra em:

<<http://www.colgate.com.br/app/Colgate/BR/OC/Products/Toothpastes/ColgateNeutracerucar.cvsp#produto>>, acesso em 27/11/2013.

<sup>2</sup> Disponível em:

<<http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/index.cfm?portal=pagina.visualizarArea&codArea=417>>, acesso em 16/11/2013.

laudas, é preciso citar, é preciso inovar e publicar. Para quem, não se sabe. Em nome de quê, não se ousa perguntar. Escreva! (é a voz que ecoa, enquanto as folhas de rascunho se acumulam pelo chão).<sup>3</sup>

Interessante é que de dentro dos muros acadêmicos também partiu um movimento pela “slow science”<sup>4</sup> defendendo justamente uma reflexão sobre esta produção desenfreada, descabida.

Em relação à forma através da qual se avalia determinado serviço, projeto, modelo ou formato de execução de algo que antes existia apenas na ideia, tem me chamado a atenção esta ininterrupta busca por números. Os resultados que são autorizados e legitimados a expressar a qualidade de um serviço, necessariamente passaram por uma calculadora. *Qualidade* ganhou mais um sinônimo no dicionário: *quantidade*.

Um gestor precisa saber como está o funcionamento de determinado setor: pergunta-se aos trabalhadores sobre quantos atendimentos foram realizados, dentre eles quantos demonstraram o resultado esperado, em quanto tempo, quanto isso representa percentualmente de crescimento em relação a determinado período anterior. Uma instituição de fomento à pesquisa precisa ter um retorno de como estão seus investimentos em determinada área: questiona-se quantas publicações foram realizadas àquele respeito, quantas pessoas participaram direta ou indiretamente do que está sendo estudado, em quanto tempo, quanto isso representa percentualmente de crescimento em relação a determinado período anterior.

Um ministério necessita provar que seus moldes de funcionamento são os melhores para determinada área: investiga-se em quanto tempo a quantidade de subunidades sob o seu comando que apresentaram um crescimento percentual em relação a determinado período anterior. A fórmula está dada e pode ser aplicada a qualquer avaliação que se faça: “x” unidades de tal área apresentaram em “y tempo” uma variação de “z” % em relação a determinado período anterior. Desta fórmula fica testada e comprovada a qualidade de certo serviço. O que pode solucionar mais uma incógnita no problema: o “w” de financiamento que este merece receber daqui para frente.

O interessante é que se as palavras foram acusadas por tanto tempo de serem maleáveis, imprecisas, ambivalentes em contraposição aos números que seriam exatos, claros e perfeitos, a surpresa está aí: os números também mentem. A resposta encontrada para atender a esse direcionamento quantitativo de resultados geralmente não acarreta em um

<sup>3</sup> Trecho do texto “Resenhas...” escrito pela prof<sup>a</sup> Amana da Rocha Mattos (<http://aguadachuva.wordpress.com/2011/11/28/resenhas/>).

<sup>4</sup> Para mais detalhes sobre este movimento: [http://slowscience.fr/?page\\_id=68](http://slowscience.fr/?page_id=68).

reforma ou reestruturação de algo que antes era mal avaliado, mas sim na transformação imediata de tudo em números. Tudo passa a ser registrado e quantificado. Por exemplo: se um determinado serviço público de saúde corre o risco de fechar por que entendem que a quantidade de atendimentos realizados pelo serviço é muito baixa. Então tudo se transforma em atendimento: ligação telefônica para família do cliente = + 1 atendimento; acompanhar o cliente até a saída = + 1 atendimento; encontrar com o cliente no corredor do serviço, trocar duas palavras = + 1 atendimento e assim por diante. Ao final de determinado período quando a estatística for atualizada, o serviço apresentará um crescimento de “z”% em relação a quantidade de atendimentos realizados em comparação a certo período anterior. O sustento do serviço está garantido, o emprego dos gestores também. A(o) final de(as) contas, a mudança em termos de um avanço qualitativo do que era oferecido é que não.

Não sei se é possível encontrar uma essência da razão, ou uma razão pura, porém é preciso pensar a serviço de que esta se coloca. Uma razão instrumental, ferramenta de uma engrenagem que não reflete sobre seu sentido, que perdeu seu fundamento, mas que funciona. E não pára. Não pode parar! Tudo se justifica se obtém resultados. Questionar não é eficaz. Por que ficar horas discutindo isso ou aquilo, se existe um caminho que leva a mais números e de uma maneira mais rápida, portanto mais eficiente?<sup>5</sup>

É difícil definir qual o direcionamento que a razão deveria ter, mas as consequências do modelo vigente estão aí, por toda parte e não podem ser ignoradas:

As palavras abaixo podem condensar um pouco da angústia presente neste capítulo:

Esse é o espírito de nossa época, que se ancora no espírito do capitalismo. E em sua análise desse espírito do capitalismo, Max Weber já havia nos alertado que ele não se desenvolveria senão como desencantamento e racionalização da sociedade – racionalização entendida por ele como aplicação da *lógica do cálculo* a todas as atividades humanas. Depois de suas “profecias”, o capitalismo acabou por se tornar, finalmente, um fenômeno planetário; e os processos que Weber descreveu se tornaram parte de nossa realidade. E o resultado dessa racionalização crescente do mundo da vida parece ter gerado um mundo profundamente inquietante e muitas vezes irracional.

Essa lógica vem engendrando, ao longo do tempo, uma miséria espiritual, uma paralisia do espírito crítico, como se vivêssemos num 'reino dos fins', no sentido kantiano, no qual a razão vai sendo retirada de cena, colocando em marcha um grande projeto de ressacralização do mundo em que a *razão*

---

<sup>5</sup> Em entrevista ao programa Fantástico, da emissora Globo, a presidente do Brasil Dilma Rousseff destaca duas qualidades que aprecia muito: eficiência e rapidez. Entrevista disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=4QnOsZoXRGg>.

*secular*, tão cara os iluministas e seus herdeiros, é silenciada como 'inoperante' para os dilemas da contemporaneidade. (SOARES e EWALD, 2010, p.168)

## REAL INCONSISTENTE

Jean Baudrillard, em sua obra “Simulacros e Simulação” aborda a questão da pós-modernidade analisando o lugar que o real ocupa dentro deste contexto. Inicia o livro expondo uma fábula de Borges que conta a história de um império que tinha por missão construir um mapa muito preciso do seu território. Os construtores então se empenharam em fazê-lo, contudo, colocaram tantos detalhes, que o mapa acabou por recobrir aquele território. Com o declínio do império, o mapa assumia o lugar do território, tornando confusa a identificação do que era real e do que era mapa.

O autor utiliza esta metáfora para ilustrar sua explanação acerca do que aconteceu ao real na pós-modernidade. Em época anterior, o real tinha um lugar de referência, de fundamento, servindo como base para a representação.

Hoje a abstracção já não é a do mapa, do duplo, do espelho ou do conceito. A simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real.<sup>6</sup> O território já não precede o mapa, nem lhe sobrevive. É agora o mapa que precede o território — precessão dos simulacros — é ele que engendra o território cujos fragmentos apodrecem lentamente sobre a extensão do mapa. É o real, e não o mapa, cujos vestígios subsistem aqui e ali, nos desertos que já não são os do Império, mas o nosso. *O deserto do próprio real*. (1981, p.8)

Em tempos pós-modernos o real tornou-se desinteressante. Baudrillard trabalha com o conceito de simulações para analisar a conjuntura atual.

Assim é a simulação, naquilo em que se opõe à representação. Esta parte do princípio de equivalência do signo e do real (mesmo se esta equivalência é utópica, é um axioma fundamental). A simulação parte, ao contrário da utopia, do princípio de equivalência, parte da negação radical do signo como valor, parte do signo como reversão e aniquilamento de toda a referência. Enquanto que a representação tenta absorver a simulação interpretando-a como falsa representação, a simulação envolve todo o próprio edifício da representação como simulacro. (1981, p.13)

Defende a ideia de um hiper afastamento/ distorção do real que atualmente já não ocupa mais lugar no fundamento.

Nesta passagem a um espaço cuja curvatura já não é a do real, nem a da verdade, a era da simulação inicia-se, pois, com uma liquidação de todos os referenciais (...) Já não se trata de imitação, nem de dobragem, nem mesmo de paródia. Trata-se de uma substituição no real dos signos do real, isto é, de uma operação de dissuasão de todo o processo real pelo seu duplo operatório (...) (1981, p.9)

---

<sup>6</sup>Esse conceito de “hiper-real” se assemelha ao conceito de virtual, muito utilizado por outros autores.

O nível de virtualidade cresce e ganha destaque. Percebe-se nas relações em seus diversos âmbitos, por exemplo, através de sites que simbolizam, digo, representam, digo, significam, digo, *são* a identidade das pessoas e uma das principais – senão *a* principal – forma de se conhecer. Empresas buscam informações nestes sites para selecionar seus futuros empregados. Relacionamentos amorosos se iniciam e até se perpetuam nestes sites. Profissionais buscam formação através de cursos à distância. Amigos, chefes, colegas, amantes, empregados, celebridades, quase celebridades, ativistas, criminosos; todos podem ser “conhecidos” por esta rede virtual que cada vez mais perde seu status de virtualidade aproximando-se da única e mais fidedigna realidade de muitas pessoas. Pierre Lévy, ao analisar o processo de virtualização considera que:

Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do “nós”: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual... Embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização. (1996, p. 11)

### **Se alinha a uma teorização, uma ideologia cientificista**

Uma vez que o real parece ter perdido seu lugar e seu fundamento, tornando-se desinteressante, não mais eficaz; faz-se necessário pensar a respeito do que ocupa tal lugar atualmente. Gostaria nesse sentido, de transpor esta reflexão para uma das formas como instituímos (ou tentamos fazê-lo) verdade hoje em dia, através da crença na ciência, seu poder, sua credibilidade e um fenômeno de crescente teorização.

Quando o real já não é o que era, a nostalgia assume todo o seu sentido. Sobrevalorização dos mitos de origem e dos signos de realidade. Sobrevalorização de verdade, de objectividade e de autenticidade de segundo plano. Escalada do verdadeiro, do vivido, ressurreição do figurativo onde o objecto e a substância desapareceram. Produção desenfreada de real e de referencial, paralela e superior ao desenfreamento da produção material: assim surge a simulação na fase que nos interessa — uma estratégia de real, de neo-real e de hiper-real, que faz por todo o lado a dobragem de uma estratégia de dissuasão. (BAUDRILLARD, 1981, p.14)

Ao desenvolver a ideia de uma estratégia de dissuasão, Baudrillard expõe alguns acontecimentos nos quais é possível percebê-la. O autor coloca o ocorrido com os indígenas Tasaday que após serem “descobertos” por antropólogos na selva onde viveram isolados por oito séculos, são devolvidos às suas origens com o objetivo de evitar seu fim. (Da etnologia

ou dos indígenas? A ambiguidade é proposital.) A partir disto, faz uma reflexão sobre o paradoxo da ciência e de seu objeto:

Para que a etnologia viva é preciso que o seu objecto morra, o qual se vinga morrendo por ter sido «descoberto» e desafia com a sua morte a ciência que o quer apreender. Não vive toda a ciência nesse plano inclinado paradoxal a que a votam a evanescência do seu objecto na sua própria apreensão e a reversão impiedosa que sobre ela exerce esse objecto morto? (...) Em todo o caso, a evolução lógica de uma ciência é de se distanciar cada vez mais do seu objecto até passar sem ele: a sua autonomia não pode ser mais fantástica, atinge a sua forma pura. (1981, p.15)

Sua forma pura, sem necessidade de objeto. Assim se tornou a ciência atual. Baudrillard completa ao descrevê-la enquanto *simulação pura* e argumentando que para encontrá-la não é preciso se distanciar tanto. Esta forma de ciência simulada está presente nas próprias culturas ocidentais:

É, pois, de uma grande ingenuidade ir procurar a etnologia junto dos selvagens ou num qualquer Terceiro Mundo — ela está aqui, em toda a parte, nas metrópoles, nos Brancos, num mundo inteiramente recenseado, analisado, depois *ressuscitado artificialmente sob as espécies do real*, num mundo da simulação, da alucinação da verdade, da chantagem com o real, do assassinio de toda a forma simbólica e da sua retrospectiva histórica, histórica — assassinio que os selvagens, *noblesse oblige*, foram os primeiros a pagar, mas que desde há muito se estendeu a todas as sociedades ocidentais. (1981, p.16)

Paul Feyerabend em suas obras também tece críticas sobre a ciência. No entanto, com uma visão diferenciada – do anarquismo, de uma ciência anárquica – questiona sua objetividade, a efetividade do método científico, sua declarada diferenciação do mito. Defende um pluralismo teórico e a separação entre Estado e ciência:

Dessa forma, a ciência aproxima-se do mito, muito mais do que uma filosofia científica se inclinaria a admitir. A ciência é uma das muitas formas de pensamento desenvolvidas pelo homem e não necessariamente a melhor. Chama a atenção, é ruidosa e impudente, mas só inerentemente superior aos olhos daqueles que já se hajam decidido favoravelmente a certa ideologia ou que já a tenham aceito, sem sequer examinar suas conveniências e limitações. Como a aceitação e a rejeição de ideologias devem caber ao indivíduo, segue-se que a separação entre o Estado e a Igreja há de ser complementada por uma separação entre o Estado e a ciência, mais recente, mais agressiva e mais dogmática instituição religiosa. Tal separação será, talvez, a única forma de alcançarmos a humanidade de que somos capazes, mas que jamais concretizamos. (FEYERABEND, 1977, p.447)

Tais considerações acerca da ciência são necessárias ao encontro de uma lógica do sentido, exposta em capítulo anterior. Refletir sobre o papel que ocupa, sobre a *forma como*

*ocupa*, estimular ou não sua credibilidade. Principalmente no que diz respeito à visão trazida por Baudrillard, pensando ciência enquanto simulação, como seu caráter de autonomia, faz-se urgente questionar a forma como se aplicam um número cada vez maior de teorias e conceitos, importados, instituídos, legitimados.

A teoria sai de um papel, vai para outro, torna-se prática. E então ganha vida, entra em seu caráter de suspensão, parecendo mesmo não ter nenhuma base no real. Aguardando apenas para ser apontada aqui e acolá, para ser *constatada* nas mais diferentes situações:

- *“BULLYING é coisa séria. DENUNCIE! Não pratique. Não incentive. Não finja que não está vendo.”*<sup>7</sup>

[Texto presente em campanha de escola contra o “bullying”. Conceito adotado por meio da importação de uma teoria. Rapidamente é introduzida e legitimada no cotidiano brasileiro. Apresenta-se aí um exemplo de teoria em seu caráter de suspensão.]

- *“Mãe. Desde cedo, nosso maior alicerce. Nos seus braços encontramos carinho. Em seu ombro, amparo. No seu coração, amor sem fim. Mãe, desde cedo nossa maior base para a construção de dias melhores.”*<sup>8</sup>

[Trecho de texto presente em anúncio publicitário de uma construtora. Os aspectos presentes no comercial apontam para a teoria do instinto materno. Muito discutida sob a ótica de diversos autores. Mais uma vez a teoria legitimada figura em seu caráter suspensão.]

<sup>7</sup> Disponível em <<http://www.folhavitoria.com.br/geral/blogs/midiaemercado/files/2011/06/banner-cedtec.jpg>>, acesso em 29/11/2013.

<sup>8</sup> Disponível em <[http://www.marketingimob.com/2012/05/o-dia-das-maes-comemorado-pelo-mercado\\_16.html](http://www.marketingimob.com/2012/05/o-dia-das-maes-comemorado-pelo-mercado_16.html)>, acesso em 05/10/2013.



## INDIVÍDUO PÓS-MODERNO

*Em 1994, um cartaz espalhado pelas ruas de Berlim ridicularizava a lealdade a estruturas que não eram mais capazes de conter as realidades do mundo: “Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro.” (BAUMAN, 2005, p.33)*

Este capítulo se inicia fazendo uma referência a fragmentação de estruturas que pode ser observada cotidianamente nos mais diversos lugares. Para complementar esta idéia, apresento as seguintes palavras de Stuart Hall:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.(...) Como observa o crítico cultural Kobena Mercer, “a identidade somente se torna questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (1990, p.43, apud HALL, 2002, p.9)

Gostaria de expandi-las para a forma como o indivíduo se encontra no mundo pós-moderno, seus modos de ser e de estar, sua subjetividade, sua identidade. Em sua obra, *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall considera que:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (2002, p. 12-13)

O autor se debruça também sobre o que considera uma das principais características da pós-modernidade: o processo de globalização e suas consequências. Se pauta na mudança da relação “espaço-tempo”, através da sua compressão: “a aceleração dos processos globais,

de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre as pessoas e lugares situados a uma grande distância.” (HALL, 2002, p.69)

Ao conceber a noção de identidade, Hall afirma que esta encontra-se estreitamente ligada ao lugar. Os lugares conservariam uma fixidez, contudo o espaço é que pode ser deslocado, sendo velozmente cruzado. O que Harvey chama de “destruição do espaço através do tempo”. (1989, p.205, apud HALL, 2002, p.72, 73)

Desta forma, percebe-se que muitas são as mudanças capazes de afetar esse novo indivíduo, assim como suas formas de ser e estar no mundo. Segundo os autores Jorge Coelho Soares e Ariane Ewald:

O contemporâneo hipermoderno é o reinado do intempestivo. Introduzido em todos os domínios, penetrou firmemente na consciência do homem moderno sob a forma de interrogação permanente sobre o futuro: 'Vivemos em uma época de esperança e transformação. Também vivemos em uma época de resignação, rotina talvez alarme. Prevemos que o mundo vá melhorar, tememos que ele piore' (JACOBY, 2007, p.25). E nunca recebendo respostas seguras, o homem, vivenciando hodiernamente sua versão hipermoderna de ser e estar no mundo, se vê como possuidor de uma existência em sobressalto, de uma *vida trêmula*, arremessada não para o mundo, mas cada vez mais para dentro de si. (2010, p. 164)

Em meio a tal conjuntura, de tamanhas transformações, gostaria de continuar o enfoque sobre o que tange propriamente ao indivíduo que vive nesta época. Como exposto anteriormente, todos os tipos de relações sofrem a interferência dos novos valores pós-modernos, menos fechados e categorizantes. Com isto, um novo tipo de subjetividade se anuncia. Autores como Bauman, Stuart Hall, Anthony Giddens, Marshall Berman já se ocupam deste tema. Segundo visão colocada por Luis Carlos Fridman, no livro *Vertigens pós-modernas*:

No individualismo pós-moderno de todas as conexões do ser, os 'certificados de existência' se diluem. A vida torna-se errática pela multiplicidade e pela fluidez, o eu se despedaça nas redes de comunicação, os indivíduos sentem-se investidos de solicitações bizarras na tarefa de inventarem a si próprios, a plasticidade e o pastiche incorporam-se nas maneiras de viver, estilos se confundem com as ofertas mais recentes do universo das mercadorias, a unidade se desfaz no descarte sucessivo de intensidades momentâneas e os estados de ansiedade se acumulam. A autenticidade e o senso de uma interioridade auto-sustentável partem-se em vivências desagregadas ou, para quem não aguenta esse tranco, em insegurança e angústia. A identidade, sob a marca da transitoriedade, nunca se completa. O “medo ambiente”, expressão já presente no debate sociológico, condensa as indagações se o

cenário da vida social contemporânea oferece suportes sólidos para construção da identidade. (2000, p. 65)

Quanto a esta nova subjetividade, vale também expor o que foi anunciado por Anthony Giddens. O autor trabalha com o conceito de modernidade tardia, mas que neste momento, para efeito de análise das transformações sofridas pelo indivíduo será entendido com o sentido aproximado de pós-modernidade. O autor considera que “‘Viver no mundo’, onde o mundo é o da modernidade tardia, envolve várias tensões e dificuldades distintivas ao nível do eu.” Referindo-se aos diversos dilemas do indivíduo neste contexto.

### **Advento de uma nova subjetividade**

*As identidades hipermodernas podem, então, ser caracterizadas por aquilo que Marc Augé chamou de não-lugares, pontos de identificação coletiva que se tornaram, mais do que nunca, extremamente flutuantes.* (SOARES E EWALD, 2010, p. 176)

Em meio a tantas mudanças e transformações, como fica a questão do humano, do *ser humano*? Com uma nova reconfiguração de valores, da vida em sociedade, das narrativas de legitimidade, como se encontra, se define agora o que é humano? Artistas, como por exemplo Eduardo Kac<sup>9</sup>, colocam tais questões em cheque. Indagações sobre o sentido. O que nós somos? O que podemos ser? Qual a essência (existe essência?) do humano? Indagações sobre os limites: do conhecimento, da técnica, da arte, da ciência.

Tal degradação dos referenciais que norteiam o pensamento acarreta também alteração em algumas concepções de indivíduo.

Em meio a todas as possibilidades e necessidades que bombardeiam o indivíduo e todos os desencontrados movimentos que o impelem, como poderá alguém definir de forma cabal quem é o essencial e quem é accidental? A natureza do novo homem moderno, desnudo, talvez se mostre tão vaga e misteriosa quanto a do velho homem, o homem vestido, talvez ainda vaga, pois não haverá mais ilusões quanto uma verdadeira identidade sob as máscaras. (BERMAN, 1986, p. 107)

Marshall Berman em seu livro, ***Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade***, demonstra diversas contradições e angústias vividas pelo homem moderno

---

<sup>9</sup>Eduardo Kac nasceu no Rio de Janeiro em 1962. É um artista de reconhecimento internacional, pioneiro da arte digital e transgênica. Mais informações em: <<http://www.ekac.org/kac2.html>>

no que se refere a construções até então sólidas, consistentes, que fundamentavam os modos de ser encontrados em outras épocas, anteriores a – designada por ele como – modernidade. Neste trecho, o autor aborda a natureza deste homem com um caráter vago, sem maiores definições e rigidez quanto a uma “essência” verdadeira, uma identidade. O ponto que se destaca nesse sentido é o de uma reconfiguração do indivíduo, de seus sentimentos, sua identidade.

Alguns autores contemporâneos trazem tais questões para suas reflexões e examinando mais especificamente o aspecto da identidade humana, Zygmunt Bauman analisa que:

a imagem de si mesmo se parte numa coleção de instantâneos, e cada pessoa deve evocar, transportar e exprimir seu próprio significado, mais frequentemente do que abstrair os instantâneos do outro. Em vez de construir sua identidade como se constrói uma casa – mediante a adição de tetos, assoalhos, aposentos ou corredores – uma série de “novos começos”, que se experimentam com formas instantaneamente agrupadas mas facilmente demolidas, pintadas umas sobre as outras: uma identidade de palimpsesto. (1997, p. 36)

A identidade torna-se um projeto reflexivo, sem maiores buscas por um desfecho, por uma solidez definitiva e imutável. O autor traz em consideração uma busca pela “identidade líquida” pós-moderna, a fuga da solidez dos papéis sociais e o verdadeiro pavor em “ser” e um apego imenso a “estar” de alguma forma atuante socialmente. O indivíduo pós-moderno se lança em um projeto de vida eternamente inconcluso, no qual a satisfação não provém de encontrar um caminho, mas a de seguir buscando.

A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas estão na esquina esperando que você as escolha. (...) Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação. (BAUMAN, 2005, p. 91-92)

Fazendo referência ao que foi exposto anteriormente em relação à valorização pós-moderna do *funcionamento*, a identidade passa, ela mesma, a ser avaliada segundo este critério. Segundo sua capacidade de se adaptar a constante oscilação das estruturas na quais está inserida. “No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam.” (BAUMAN, 2005, p. 33)

Pensando em tais aspectos da contemporaneidade, torna-se importante avaliar de que maneira ocorre seu impacto sobre o indivíduo. Parece que vivemos em uma época que

anuncia um novo tipo de subjetividade, de identidade. Nesse sentido, percebe-se que características como a desreferencialização e a fragmentação atingem tal nível de profundidade chegando a forjar um novo tipo de subjetividade.

Tudo se passa como se o homem pós-moderno se deparasse com sua condição existencial mais radical: a de não possuir um núcleo identitário central estável, contínuo e linear, e sim um vazio que ele tem que preencher, fazendo uso da consciência prática do dia-a-dia. Portanto, não dando mais conta - como fazia em épocas passadas - de tamponar a angústia advinda de sua condição existencial, desenvolve diversas estratégias, a fim de coordenar e ordenar todas as variáveis de sua vida em um todo coerente e contínuo. (PORTELA, 2008, p.135)

Traços desta conjuntura se percebem no referencial de identidade do indivíduo, em seus desejos, nos seus valores. Dizer por exemplo, sobre o consumismo exacerbado, já não é novidade, contudo, pensar que tipo de transformações ele sofreu ultimamente é muito interessante.

Nessa dispersão tecnificada da individualidade, acaba por nascer um nihilismo da trivialidade, expondo triunfo da aparência sobre o ser. Submetidos assim à lógica do cálculo, os homens terminam por incorporar o que Michel Houellebecq denominou de “lógica do supermercado”. (...) Desejando cada vez mais e sendo cada vez menos, instaura-se nele uma falta de sentido que volatiliza o próprio indivíduo (SOARES E EWALD, 2010, p. 171,172)

### **Consumo atual: lugar do desejo, “faça como quiser”.**

Nossa liberdade de escolha está posta a todo tempo para nos servirmos dela. As opções dadas são muito facilmente conhecidas: ligando a TV, o computador, o celular, lendo o jornal, a revista, dentre outros. O desejo atualmente encontra-se pulverizado, desejamos tudo e todos, sem limites. Trabalha-se todo tempo com *a possibilidade de*. A referência de um limite, do “não é possível” está cada vez mais distante e é cada vez mais rechaçada. O lugar da frustração vai sendo paulatinamente ocupado por uma infinidade de ofertas e possibilidades.

Se desejo que meu olho tenha outra cor, é possível. Se desejo escolher a data do nascimento de um filho, é possível. Se desejo comer um alimento produzido em um país diferente do país que eu habito, é possível. Se desejo comprar minha habilitação para dirigir, é possível. Se desejo conhecer meu marido em um site de relacionamentos, é possível. Caso algo não me agrade, o defeito percebido em determinada escolha, poderá (ou será veementemente prometido) ser superado por uma alternativa da concorrência. E essa é uma crença que ganha muita força atualmente.

O que não se mostra tão claramente é a partir do que, sobre quais princípios é possível fundamentar as escolhas. Não trato aqui de padrões morais, mas da difusão de valores atravessados nessa lógica do “faça como quiser”.

Dentro desta ideia de “lógica do supermercado” outra contribuição interessante é trazida por Zygmunt Bauman no que diz respeito ao “modo consumista”:

O “modo consumista” requer que a satisfação precise ser, deva ser, seja de qualquer forma instantânea, enquanto o valor exclusivo, a única “utilidade”, dos objetos é a sua capacidade de proporcionar satisfação. Uma vez interrompida a satisfação (em função dos desgastes dos objetos, de sua familiaridade excessiva e cada vez mais monótona ou porque substitutos menos familiares, não testados, e assim mais estimulantes, estejam disponíveis), não há motivo para entulhar a casa com esses objetos inúteis. (2005, p. 70)

O autor estende tal modo de ser a outras formas de relação. A busca pela satisfação e a possibilidade imediata do descarte são objetivos facilmente atingíveis e cobiçados pelos indivíduos atualmente. Diversas relações passam a se estabelecer por meio do uso, da utilidade que elas oferecem. A novidade pode residir no fato de que tais configurações não são exclusivas da lógica do mercado, o que surpreende é justamente sua expansão para outros âmbitos.

Hoje em dia, um século e meio depois, somos consumidores numa sociedade de consumo. A sociedade de consumo é a sociedade do mercado. Todos estamos dentro e no mercado, ao mesmo tempo clientes e mercadorias. Não admira que o uso/consumo das relações humanas, e assim, por procuração, também de nossas identidades (nós nos identificamos em referência a pessoas com as quais nos relacionamos), se emparelhe, e rapidamente, com o padrão de uso/consumo de carros, imitando o ciclo que se inicia na aquisição e termina no depósito de supérfluos. (BAUMAN, 2005, p. 98)

E o lugar para o desejo exacerbado está garantido e pode ser encontrado sob diversos aspectos. No trecho abaixo, Anthony Giddens demonstra uma das dificuldades encontradas pelo indivíduo contemporâneo. No que diz respeito ao aspecto da “escolha” o autor analisa que muitas são as possibilidades oferecidas, porém poucos direcionamentos e orientações são ofertados no sentido do que deveria ser escolhido. Tal situação reflete mais uma fonte de ansiedade, de incertezas no indivíduo pós-moderno.

O pano de fundo é o terreno existencial da vida moderna tardia. Num universo social pós-tradicional, organizado reflexivamente, permeado por sistemas abstratos, e no qual o re-ordenamento do tempo e do espaço realinha o local com o global, o eu sofre mudança maciça. A terapia, inclusive a auto-terapia, tanto exprime a mudança como fornece programas de efetivá-la em termos de auto-realização. No nível do eu, um componente fundamental da atividade do dia-a-dia é simplesmente o da *escolha*. Obviamente nenhuma cultura elimina inteiramente a escolha dos assuntos

cotidianos, e todas as tradições são efetivamente escolhas entre uma gama indeterminada de padrões possíveis de comportamento. Mas, por definição, a tradição, ou os hábitos estabelecidos, ordena a vida dentro de canais relativamente fixos. A modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas e ao mesmo tempo oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser selecionadas. (GIDDENS, 2002, p.79)

Sites de compra coletiva possibilitam um tipo de consumo virtual nunca antes experimentado. Você compra *a possibilidade de* usar algum serviço ou produto, tem um prazo enorme para fazê-lo, cerca de um ano em média, e caso desista do negócio, já existem atualmente outros sites “parasitas” que comprem o seu vale não utilizado. Do outro lado, encontram-se os empresários que vislumbram um tipo de venda jamais alcançável por meio do “consumo primitivo”.

Vender para um público sem limites – em seus variados sentidos – e oferecer em troca, um desconto na unidade da venda. Ideia simples – oferecer um desconto em uma venda feita no atacado – já praticada anteriormente, mas nunca de maneira tão facilmente acessível, tão ampla e tão difundida. Movimenta o mercado, possibilita o acesso de outras classes a bens e serviços que antes não se destinavam a elas, traz lucros inimagináveis e os dois lados saem ganhando. Será?

Atualmente já se veem as consequências deste tipo de negócio. Clientes insatisfeitos, relatos de mau atendimento, serviços precarizados, empregados que não dão conta de atender o crescimento tão rápido da demanda pelos seus serviços, clientes “não coletivos” que se queixam das mudanças ocorridas como, por exemplo, a perda de exclusividade e de qualidade; empreendimentos que segregam seus clientes quanto ao tipo de compra realizada; enfim uma série de decorrências advindas do novo *modus operandi*. Explicações para isto podem não faltar: é uma falha dos donos, a empresa está desorganizada, os clientes são desorganizados, a culpa é do estabelecimento, a culpa é do site de compras coletivas...

Mas será que ocorre, ou melhor, que cabe uma análise sobre a viabilidade deste tipo de negócio? Sobre as consequências, tanto para os compradores quanto para os vendedores, de um comércio eminentemente virtual, de rede, ultra coletivo? Sobre *o que* é valorizado com esta troca: o aumento de público, o desconto, o lucro ou simplesmente *a possibilidade de*.

No que concerne a esta pluralidade de escolhas, Giddens levanta uma perspectiva interessante ao afirmar a influência da mídia para tal. O autor analisa certo delineamento específico como efeito da televisão e dos jornais associados a determinados estilos de vida.

(...) a prevalência da experiência transmitida através da mídia, sem dúvida, também influencia a pluralidade da escolha, de maneiras óbvias e também de maneiras mais sutis. Com a crescente globalização da mídia, grande número de ambientes se tornam em princípio visíveis para quem quer que queira

juntar a informação relevante. O efeito colagem da televisão e dos jornais dá forma específica à justaposição dos ambientes e escolhas potenciais de estilo de vida. (2002, p.82)

Outro ponto interessante a ser analisado é a utilização dos meios eletrônicos como mediadores das relações inter e intrapessoais. Com o passar dos anos, foi possível perceber uma intensificação do uso e até mesmo a dependência de tais meios.

### **Mediação eletrônica: geração do calo no dedo, anexos corporais, indivíduos sem memória.**

“Ligados no celular, desligamo-nos da vida.” (BAUMAN, 2005, p.33)

Para iniciar este ponto, gostaria de trazer à cena algumas experiências pessoais nas quais me encontrei em um processo de suspensão fenomenológica a fim de realizar algumas análises. Uma se passa no ambiente de uma sala de aula na faculdade de comunicação social. De um lado estava o professor, utilizando-se de um aparelho de projeção de slides e fazendo toda uma explanação para a turma a respeito de determinado tema. Do outro lado, estavam os alunos, no momento, cerca de quinze estudantes. Mais da metade deles corria o dedo pela tela do celular enquanto o professor falava, outros conversavam entre si, outros dormiam e dos quinze, apenas dois ou três pareciam voltar sua atenção ao que estava sendo exposto pelo professor.

Outra experiência deu-se em uma reunião de um grupo de pesquisas na faculdade de psicologia. Estávamos sentados em círculo, ao redor de uma mesa redonda. Enquanto uma das integrantes do grupo apresentava seu projeto de pesquisa, uma imagem se repetia em diversos pontos da mesa: a presença de um celular à frente de cada pessoa do grupo, de forma que os próprios aparelhos formavam também o seu próprio círculo. Estavam ali, parados, em uma presença silenciosa, por vezes se acendiam e geravam pequenas vibrações na mesa. Uma reflexão interessante a se fazer é sobre qual a mensagem que aquela reunião de aparelhos pode passar?

Em relação à primeira cena descrita, apresentam-se algumas possíveis análises. Como ocorre o estado de presença do indivíduo em determinado local, diante de um dado contexto, intermediado por um aparelho eletrônico? Pode-se situar a presença dos estudantes na sala de aula ou ficaria melhor alocada no infinito virtual de seus celulares? Em relação a essa intensa mediação eletrônica, aos aparelhos que possuem a tecnologia touchscreen, aos



dedos indicadores que deslizam sobre suas telas, é possível pensar na atual e futura “geração do calo no dedo”.

É importante refletir sobre quais aspectos caracterizam a geração do calo no dedo e em que medida esta se diferencia das demais. Uma característica marcante nesta geração é a da atenção difusa. Vários temas podem ser trabalhados ao mesmo tempo com os representantes desta geração. Enquanto algo ocorre diante dos olhos no mundo “real”, diversos outros assuntos podem aparecer no mundo virtual. E um lado não necessariamente exclui o outro, a escolha por um deles não precisa ser feita.<sup>10</sup>

Outra característica é a sensação de dependência encontrada na relação com os aparelhos. Parece que os celulares trazem uma percepção de completude ao indivíduo que em sua ausência, estaria ameaçada. O que pode também ser percebido é a necessidade de estar ligado/ conectado o tempo todo, assim como uma constante urgência e instantaneidade. Nada pode esperar. Outro aspecto, diz respeito à ampliação das informações trabalhadas em determinado intervalo de tempo. No exemplo dado, da sala de aula, é possível pesquisar e obter mais informações sobre o assunto trazido naquele momento. Outro traço depreendido é o anseio pelo outro, a expectativa constante de que alguém pode a qualquer momento lhe solicitar algo e você não pode deixar isso passar despercebido.

Em aeroportos e outros espaços públicos, pessoas com telefones celulares equipados com fones de ouvido ficam andando para lá e para cá, falando sozinhas e em voz alta, como esquizofrênicos paranóicos, cegas ao ambiente ao seu redor. A introspecção é uma atitude em extinção. Defrontadas com momentos de solidão em seus carros, na rua os nos caixas de supermercados, mais e mais pessoas deixam de se entregar a seus pensamentos para, em vez disso, verificarem as mensagens deixadas no celular em busca de algum fiapo de evidência de que alguém, em algum lugar, possa desejá-las ou precisar delas. (HARGREAVES, A. apud BAUMAN, Z., 2005, p.31-32)

Quanto à segunda cena descrita, a imagem dos celulares posicionados exatamente à frente de cada pessoa remete à ideia de um anexo. Como se o aparelho telefônico fosse a extensão dos indivíduos e integrasse cada um deles. Esse potente anexo contém informações valiosíssimas. E estando sempre por perto, confere segurança.

Mais um ponto interessante de ser ressaltado relaciona-se com a questão da memória. Muitos dados que antes possuíam lugar marcado em nossas memórias, agora são realocados nas memórias eletrônicas. Interessante pensar sobre essa transferência de dados: ser humano –

---

<sup>10</sup> A despeito da Lei 5453/09 que dispõe sobre a proibição do uso de telefone celular nas escolas estaduais do Estado do Rio de Janeiro.

aparelho eletrônico. Neste contexto, destaco um trecho do livro “Sonhos de Einstein”, do autor Alan Lightman <sup>11</sup>, sobre a condição humana no qual ele expõe a questão da memória:

Um mundo sem memória e um mundo do presente. O passado existe apenas nos livros, nos documentos. A fim de se conhecer, cada pessoa carrega seu próprio Livro da Vida, que contém a história de sua vida. Lendo suas páginas diariamente, ela pode reaprender a identidade dos pais, se nasceu alta ou baixa, se foi uma aluna boa ou sofrível, se realizou alguma coisa na vida. Sem seu Livro da Vida, uma pessoa é uma foto, uma imagem bidimensional, um fantasma. (1993, p.79-81)

Atualmente torna-se difícil pensar em algum serviço/produto/pessoa que não se possa pesquisar/conhecer/adquirir através da internet, nossa rede virtual. A expansão da mediação eletrônica atinge vários âmbitos. Em uma reunião de amigos é necessário que se façam alguns acordos de não uso do celular, por exemplo, a fim de que as pessoas consigam estar inteiramente naquele ambiente e com aquelas pessoas sem lançar mão de fugas virtuais para o amplo horizonte de possibilidades que este mundo virtual oferece.

Ao nos confrontarmos com alguns momentos de solidão e quietude, torna-se provável que ao invés de tentarmos nos conectar a uma realidade exterior que temos diante de nossos olhos ou nos entregarmos a uma reflexão interna; busquemos algum tipo de amparo em nossos aparelhos eletrônicos. Segundo Bauman:

Andy Hargreaves, se posso citá-lo uma vez mais, escreve sobre "séries episódicas de interações diminutas" que estão cada vez mais substituindo "as conversas familiares e os relacionamentos sólidos".(...) Quanto mais amplas (ainda que mais superficiais) são as nossas comunidade fantasmas, mais atemorizante parece a tarefa de construir e manter as verdadeiras. (2005, p. 101)

Neste sentido, mais um aspecto que vale ser ressaltado diz respeito ao valor tão exaltado e estimulado na sociedade pós-moderna: o individualismo.

Pode-se pensar sobre em qual medida nossos anexos eletrônicos também nos mantêm em bolhas individuais, protegendo-nos do contato com o outro, ajudando a dividir a responsabilidade pela falta de uma atenção voltada ao outro.

Neste ponto da falta de atenção dirigida ao outro, mais uma situação na qual ela pode ser encontrada é através do contato visual. Um recurso simples e muito utilizado para não iniciar/ estabelecer uma relação é não fazer o contato visual com a outra pessoa. Além dessa, outra estratégia recorrente pode ser encontrada no uso de fones de ouvido. Os fones de

---

<sup>11</sup> Em anexo, você pode encontrar o texto na íntegra.

ouvidos emitem algumas mensagens: não ouço nada que vem de você, não quero ouvir, não me perturbe. Uma barreira de proteção ao espaço social, a extensão do espaço privado ao espaço público.

### **Lugar da publicidade: publicizar, depreender valores**

Em meio aos pontos abordados torna-se necessário refletir sobre o lugar que a publicidade ocupa neste cenário. Pensando em uma análise etimológica da palavra publicidade, tem-se a perspectiva do *tornar público*, *publicizar* algo.

Em tempos pós-modernos, torna-se muito interessante um exame daquilo que é exposto, publicizado, no sentido de depreender quais são os valores atravessados e estimulados nos anúncios. Trabalha-se com a perspectiva de que:

Em geral, acreditamos que tudo muda rapidamente no mundo da mídia. Os anúncios parecem sempre contemporâneos, modernos, novos, com certeza arrojados ou, ao menos, acompanhando a última tendência cultural (...). Nós os vemos como uma espécie de radar que capta o que é atual, indicando mudanças sociais de grande porte e alcance profundo. (ROCHA, 2006, p.40)

A publicidade opera sobretudo através do desejo, uma vez que os objetos de consumo por ela anunciados são postos como capazes de preencher determinada falta. Como se dá esta relação, se ocorre de forma direta ou não, o alcance que a publicidade possui, assim como a complexidade de seu objeto, são questões discutidas por diversos autores que se debruçam sobre estes temas. Segundo ponto de vista levantado por Perez:

A fascinação que produz a publicidade provém, em última instância, da esquizofrenia que define a atividade publicitária: criar totalidades destinadas a dissolver-se no decorrer de poucos dias ou semanas, fingir plenitudes que somente são, na realidade, combinações aleatórias de alguns signos. (2004, p.108)

Contudo, conforme entendimento sobre o lugar da publicidade enquanto mediadora entre o mundo simbólico das marcas e os consumidores, é possível questionar a aleatoriedade das combinações construídas de alguns signos:

A linguagem publicitária, como mediadora dessa negociação, desenvolve as representações que vão alimentar o universo simbólico das marcas, a fim de que as mercadorias colocadas à disposição dos consumidores sejam percebidas através de atributos de qualidade, de identificação com estilos de vida e comportamento, de diferenciação e superioridade em relação à concorrência – dessa forma, a publicidade não visa somente divulgar o produto, mas transcendê-lo, ofertando-se como mercadoria a ser consumida simbolicamente, para despertar o desejo de compra dos produtos. (CASAQUI, 2009, p.162)

Dentro deste contexto de consumo simbólico da mercadoria, de referência e propagação de determinados estilos de vida, algumas abordagens se mostram afins como as trazidas por Rocha e por Bauman. Os autores pensam a publicidade por meio de seu caráter de representação, pela potência que exprime ao associar algo da ordem do imaginário a algo da ordem do concreto.

Sabemos que a função manifesta do anúncio é vender produtos e serviços, abrir mercados, aumentar o consumo. Tudo isso está certo. Mas uma simples observação é bastante para ver que o consumo dos próprios anúncios é infinitamente superior ao consumo dos produtos anunciados. Em certo sentido, o que menos se consome nos anúncios é o próprio produto. De fato, cada anúncio vende estilos de vida, sentimentos, visões de mundo, em porções generosamente maiores que carros, roupas ou brinquedos. (ROCHA, 2006, p.50)

E, de acordo com a concepção trazida por Bauman:

as emoções são extraídas desse mundo faminto por tempo e de relacionamentos atrofiados e reinvestidas em produtos de consumo. A publicidade associa os automóveis com a paixão e o desejo, e os telefones celulares com a inspiração e a lascívia. Não importa, porém, por mais que tentem os comerciantes, a fome que prometem saciar não desaparece. O seres humanos podem ser reciclados em produtos de consumo, mas estes não podem ser transformados em seres humanos. (2005, p. 101)

Neste sentido, o autor, ao analisar os efeitos de um mundo desprovido de tempo e de relacionamentos insuficientes, coloca a publicidade como agente da transferência de sentimentos e emoções do mundo para os produtos de consumo. Tal processo, protagonizado pela publicidade, se realiza por meio da associação de sentimentos próprios do ser humano aos seus objetos de consumo.

Baudrillard vai além ao analisar tal associação (a simbólica, que liga o imaginário ao concreto). Para o autor, a resposta encontrada pelo indivíduo para as investidas da sociedade global de consumo é a interiorização do apelo trazido no anúncio publicitário.

Se o objeto me ama (e ele me ama através da publicidade), estou salvo. Assim a publicidade (como o conjunto de public relations ) dissipa a fragilidade psicológica com imensa solicitude, à qual respondemos interiorizando o apelo que nos solicita a imensa firma produtora não apenas de bens, mas de calor comunicativo que vem a ser a sociedade global do consumo (2008, p. 180).

Segundo outra perspectiva, levantada pelo sociólogo francês Michel Maffesoli, a ação de comunicar compreende “Estar junto, estar em relação, estar em vibração comum.” (2003, p.16). O autor defende a ideia de que o material anunciado pelos meios de comunicação de massa transmitem um certo tipo de vibração, um conjunto virtual de afinidades, que criam comunidade.

Os jornais, as emissoras de rádio, a televisão, internet, todos fornecem torrentes de material, mas cada um absorve algo, um fragmento que faz sonhar, estabelecendo-se uma comunidade espiritual, um grupo virtual de afinidades. Certas cenas tocam o coração, atingem o estômago, provocam reação. Essa vibração, mais uma vez, cria comunidade. (MAFFESOLI, 2003, p.17)

Tal comunidade assemelha-se à análise feita por Baudrillard no sentido da criação de um amparo, de uma proteção. O ideal de distinguir-se sendo igual, torna-se possível dentro da lógica da criação de um modelo, uma referência coletiva. Nas palavras do autor: “Compre isto porque todo o mundo o faz! E tal fato não é de forma alguma contraditório. Compreende-se que cada um se sinta original ainda que todos se assemelhem: para isso é suficiente um esquema de proteção coletiva e mitológica – de um modelo”. (2008, p. 193)

Como demonstrado por Maffesoli, defende-se também a capacidade que cada indivíduo possui para receber e ressignificar as informações que são veiculadas. Utilizando seus próprios recursos para reconfigurar as mensagens. Complementando esta ideia expõe:

A população, mesmo as pessoas mais simples, não é passiva e inventa formas de resistência contra as tentativas de manipulação. É um jogo. Perde-se e ganha-se. A teoria crítica julga que a publicidade e a mídia enganam os seus destinatários. Estes, pontualmente, resistem, deformam, desviam as mensagens. (2003, p.20)

De todo modo, considerando um maior ou menor poder de alcance e influência da publicidade, um maior ou menor poder de desenlace do indivíduo diante de suas intervenções; sabe-se que para construir uma determinada campanha publicitária, existe todo um trabalho prévio de estudos e investigações acerca do público que se pretende atingir. São realizadas pesquisas de mercado, de comportamento do consumidor, de percepção, dentre outras. Um dos intuitos em se realizar tal trabalho é o de alinhar a campanha publicitária ao seu público-alvo.

Com isso, pode-se entender que um anúncio publicitário traz em seu bojo valores que podem revelar, ou mesmo aproximar-se, das características dos seus espectadores. Nesse sentido, cito abaixo alguns exemplos – a título de ilustração – do atravessamento de valores pós-modernos depreendidos em anúncios.

-“Fale menos, LINE mais! Você diz muito mais com os milhares de stickers do LINE.”<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Disponível em: < <http://line.naver.jp/pt-BR/>>, acesso em 10/10/2013.

Slogan de um aplicativo para smartphones e PCs. O que chama atenção no slogan é a perspectiva de transformação da subjetividade pós-moderna, no que diz respeito à intensidade da mediação eletrônica.

- *“Gol Total Flex. O primeiro carro movido a álcool e a gasolina. Os automóveis nunca mais vão ser os mesmos.*

*Sua liberdade de escolha está mais que abastecida. A Volkswagen está lançando o Gol Total Flex: o primeiro carro do país que funciona com álcool e gasolina, na proporção que você quiser. (...) Em outras palavras, você vai ter o máximo de rendimento do motor seja qual for o combustível que use. Assim, você escolhe qual o combustível mais vantajoso para o momento político-econômico ou para a região onde você mora.(...)”<sup>13</sup>*

Texto presente em um anúncio de carro. Torna-se interessante refletir sobre o apelo presente no comercial, em relação à valorização da liberdade de escolha. A questão da não necessidade de definição, da permanente *possibilidade de*.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://arrancadabr.files.wordpress.com/2013/01/gol-total-flex-arrancada-br.jpg>> , acesso em 05/10/2013.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“É da angústia deste pensamento do sentido que estamos fugindo hoje e na fuga lhe sentimos a falta.” (LEÃO, 1975, p. 22)*

Agora que você chegou até aqui, o que mais pode ser apresentado? Certamente, uma infinidade de assuntos, mas que não serão expostos neste momento. Espero que alguns deles possam ser aprofundados em estudos futuros, tais como: a questão da subjetividade intensamente atravessada pelos aparelhos eletrônicos, o lugar do real na contemporaneidade, o valor da eficácia pós-moderna cujos critérios de avaliação se fundamentam em números, percentuais, estatísticas. Dentre outros assuntos que podem tornar-se figura em meio ao fundo da pós-modernidade.

Espero também poder influenciar quem lê este trabalho. Despertar sua atenção para a lógica do sentido. Se é que você também sente a falta desta lógica. Considero importante a reflexão sobre as questões apresentadas não apenas no exercício da leitura dos autores citados nas referências bibliográficas, e no decorrer da escrita de um trabalho, mas principalmente, no exercício prático da vida, seja no âmbito profissional ou pessoal. Agindo no mundo e expressando por meio das ações o que somos, isto é, o que defendemos e a quem nos opomos. Parece que na micro-política cotidiana nosso potencial de ação torna-se imenso. Tenho – e pretendo continuar a ter – motivos para acreditar nisso. Acredito, sobretudo, que tal potencial é estimulado por meio de um referencial crítico, teórico, reflexivo.

Não foi fácil escrever sobre os temas aqui presentes. Como exposto anteriormente, muitos deles expressam desacordos em relação ao funcionamento do mundo atual. E é claro que estou inserida e também componho esta engrenagem que não para. Não pode parar. Mas acho que justamente estes temas são os que conseguem despertar interesse e fazer querer parar, ler, pensar, escrever, se dar ao trabalho de. Não somente seguir agindo, reproduzindo, gerando números. Se o cenário pós-moderno apresenta uma perda de referenciais e de sentido, parar para pensar, refletir e construir sentido, desde já co-incide com um sentido.

Cabe aqui também ressaltar o processo de construção de uma teoria. É válido lembrar que as teorias são construídas. Não se encontram prontas, em estado de ocultação apenas aguardando o trabalho de um estudioso para revelá-las. Em meio à celeridade com que se buscam atualmente respostas prontas para um infinito de questões que emperram a fluidez do sistema, algumas teorias podem aparecer como um presente, encaixando-se perfeitamente

nos anseios de quem não sabe o que fazer. O não saber em muitos momentos é importante, pois ele concede lugar para a falta, para a ausência. Abre espaço e tempo para refletir sobre.

O problema é justamente quando as teorias assumem um caráter de suspensão, de simulacro, como tratado anteriormente, quando parecem não ter mais raízes no real, porém continuam funcionando e servem ao contexto no qual são aplicadas. Deixam de ser questionadas, criticadas, interrogadas quanto “a serviço de que” são empregadas.

Fica evidente que defendo aqui um posicionamento crítico diante de alguns aspectos contemporâneos. Expus ao longo deste estudo alguns deles que acabaram tornando-se foco segundo o meu ponto de vista. Que outros pontos de vista observem outros focos, mas que não deixem de lado a “serenidade do sentido”.

Através destas linhas empreendi esforços no sentido de publicizar alguns incômodos que constato no funcionamento do mundo pós-moderno. Proveitoso seria propagar tais ideias. O que se mostra bem conveniente a uma estudante da Publicidade.



## REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. O sistema dos objetos. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Tradução Maria João da Costa Pereira. Ed. Relógio d'água, Lisboa, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman**; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. **Existência e Psicanálise**. In \_\_\_\_\_ e LACOMBE, Fábio P. Existência e Psicanálise. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

CASAQUI, Vander. **Processos de representação e referencialidade na publicidade contemporânea: mundo do trabalho, cidade, beleza e ativismo social**. Revista Eletrônica Signos de Consumo (USP), V.1, N.2, 2009. P. 159– 172. <<http://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/42772/46426>> Acesso em 25/11/2013.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

D'AMARAL, Márcio Tavares. **Estética e mística: entre coisas, descoisas e tempos**. In: As idéias no lugar: tecnologia, mística e alteridade na cultura contemporânea. Marcio Tavares d'Amaral (Org.). Rio de Janeiro: Ed. E-papers, 2009, p. 11-20.

D'AMARAL, Márcio Tavares. **Sobre Tempos e História, O Paradoxo Pós-Moderno**. In: SANTORO, Fernando; FOGEL, Gilvan; AMARAL, Gisele; SCHUBACK, Márcia C.. (Org.). Pensamento no Brasil - Emmanuel Carneiro Leão. 1 ed. Rio de Janeiro: Hexis - Fundação Biblioteca Nacional, 2010, v. 1, p. 351-369.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**; tradução de Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FRIDMAN, Luis Carlos. **Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

GIDDENS,Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7.ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996. p. 11

LIGHTMAN, Alan. **Sonhos de Einstein**. Tradução Marcelo Levy. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1988, 3ª edição.

MAFFESOLI, M. **A comunicação sem fim** ( teoria pós-moderna da comunicação). Revista FAMECOS. Porto Alegre: no. 20,EDIPUCRS, abril, 2003, p.13-20.

PEREZ, Clotilde. **Signos da marca: expressividade e sensorialidade**. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson Learning, 2004

PORTELA, Marco Antônio. **A crise da psicologia clínica no mundo contemporâneo**. Estudos de psicologia, Campinas, v. 25, n. 1, Mar. 2008.

ROCHA, Everardo. **Representações do consumo: estudos sobre a narrativa publicitária**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio / Mauad, 2006.

SOARES, J. C. ; EWALD, A. P. . **Utopia com desencanto: reflexões sobre a vida trêmula na hipermodernidade**. In: Jorge Coelho Soares. (Org.). Escola de Frankfurt: inquietudes da razão e da emoção. 1 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, v. 1, p. 163-179.

## ANEXO

LIGHTMAN, Alan. **Sonhos de Einstein**. Tradução Marcelo Levy. São Paulo: Companhia das letras, 1997, p.78 a 81.

### 20 DE MAIO DE 1905

Basta um olhar pelas bancas cheias de gente na Spitalgasse para entender o que se passa. Os consumidores caminham hesitantes de uma barraca a outra, descobrindo o que se vende em cada uma delas. O tabaco está aqui, mas onde está a semente de mostarda? As beterrabas estão aqui, mas onde está o bacalhau? O leite de cabra está aqui, mas onde está o sassafrás? Essas pessoas não são turistas visitando Berna pela primeira vez. São cidadãos de Berna. Nenhum homem pode lembrar-se que dois dias antes comprou chocolate em uma loja chamada Ferdinand's, no número 17, ou carne na mercearia Hof, no número 36. Cada loja e sua especialidade precisa ser descoberta novamente. Muitos caminham com mapas nas mãos, orientando-se de uma arcada a outra na cidade onde sempre viveram, na rua por onde passaram durante anos. Muitos caminham com cadernos, para registrar o que aprenderam antes que lhes escape da mente. Pois, neste mundo, as pessoas não têm memória.

Quando chega a hora de voltar para casa no fim do dia, cada pessoa consulta sua caderneta de endereços para saber onde mora. O açougueiro, que fez alguns cortes pouco atraentes em seu dia no açougue, descobre que sua casa fica no número 29 da Nägeligasse. O corretor de ações, cuja memória curta da situação do mercado proporcionou-lhe alguns investimentos excelentes, lê que agora vive no número 89 da Bundesgasse. Ao chegar em casa, cada homem encontra uma mulher e crianças esperando à porta, se apresenta, ajuda a preparar o jantar e lê histórias para seus filhos. Da mesma forma, cada mulher, quando volta do trabalho, encontra um marido, filhos, sofás, lustres, papel de parede, motivos chineses. Tarde da noite, marido e mulher não se deixam ficar à mesa discutindo as atividades do dia, a escola das crianças, a conta no banco. Em vez disso, sorriem um para o outro, sentem o sangue aquecer, o calor entre as pernas, como acontecia quando se encontraram pela primeira vez, quinze anos antes. Acham seu quarto de dormir, passam sem parar por fotos de família que não reconhecem, e se entregam à luxúria durante toda a noite. Pois o que entorpece a paixão física é o costume e a memória. Sem memória, cada noite é a primeira noite, cada manhã é a primeira manhã, cada beijo e cada toque são os primeiros.

Um mundo sem memória e um mundo do presente. O passado existe apenas nos livros, nos documentos. A fim de se conhecer, cada pessoa carrega seu próprio Livro da Vida, que contém a história de sua vida. Lendo suas páginas diariamente, ela pode reaprender a identidade dos pais, se nasceu alta ou baixa, se foi uma aluna boa ou sofrível, se realizou alguma coisa na vida. Sem seu Livro da Vida, uma pessoa é uma foto, uma imagem bidimensional, um fantasma. Nos cafés chiques da Brunngasshalde, ouve-se o angustiado grito agudo de um homem que acaba de ler que matou outro homem, os suspiros de uma mulher que acaba de descobrir que foi cortejada por um príncipe, a súbita gabolice de uma mulher que soube que recebeu notas máximas com louvor na universidade dez anos antes. Alguns gastam suas horas de descanso à mesa lendo seus Livros da Vida; outros preenchem freneticamente as páginas extras com os eventos do dia.

Com o tempo, o Livro da Vida de cada pessoa fica tão espesso que não pode ser lido inteiramente. Uma escolha deve ser feita. Velhos e velhas podem ler as primeiras páginas, para saber o que eram quando jovens; ou podem ler o final, para saber o que se tornaram mais tarde.

Alguns abandonaram completamente a leitura. Abandonaram o passado. Decidiram que o fato de, no passado, terem sido ricos ou pobres, cultos ou ignorantes, orgulhosos ou humildes, apaixonados ou sem amor não é mais importante do que a maneira como um vento suave lhes sopra os cabelos. Essas pessoas olham para você direto nos olhos e seguram sua mão com firmeza. Essas pessoas mantêm as ágeis passadas largas de sua juventude. Essas pessoas aprenderam a viver em um mundo sem memória.